



ARTE-EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: INVENTÁRIO DE ALGUMAS OFICINAS NA OCUPAÇÃO PENHA PIETRA'S

ART-EDUCATION IN A TERRITORY OF RESISTANCE: INVENTORY OF SOME WORKSHOPS IN THE PENHA PIETRA'S OCCUPATION

Gabriela Azevedo Moretti¹

Professora da Rede Municipal de São Paulo

Resumo: O artigo aborda a produção artística realizada no prédio Penha Pietra's, ocupado por movimentos de luta por moradia, liderado em sua maioria por mulheres. O edifício está localizado na região central da cidade de São Paulo/SP (Rua da Consolação, nº2563 - quase esquina com a Avenida Paulista). Questiona-se de que maneira as manifestações artístico-culturais já existentes na ocupação Penha Pietra's relatam a história de seus moradores e fortalecem a luta pela moradia. A pesquisa incluiu um levantamento do processo histórico de ocupação do imóvel, com ênfase na produção artística e nos projetos educacionais. Realizou-se uma pesquisa *in loco*, por meio da qual buscou-se compreender as manifestações artísticas ali realizadas, suas origens, quem são os artistas envolvidos, suas ideias e os projetos educacionais previamente desenvolvidos e/ou em desenvolvimento. Para concluir, foi possível perceber que a arte transcende espaços formais, atuando nas cidades como força política e social que refaz o tecido urbano e inicia diálogos. Na ocupação Penha Pietra's, as manifestações artísticas, embora fortaleçam a luta por moradia, materializam identidades plurais que vão além dessa causa. O contato com a comunidade evidenciou como a arte é um veículo de história, subjetividade e aprendizado, refletindo sobre seu papel social ao se conectar com realidades de pessoas privadas de direitos. O que orientou metodologicamente o projeto foram estudos decoloniais (Peloso, 2023 e Walsh, 2013), da tradição sócio-construtivista da Educação (Freire, 1987) e de seus desdobramentos no campo do ensino de artes visuais (Barbosa, 1998; Dewey, 2010; Coutinho, 2009).

Palavras-chave: experiência artística; arte urbana; arte e ocupações.

Abstract: The article discusses the artistic production of the Penha Pietra's building, a vacated building occupied by housing struggle movements, predominantly led by women. Located in the central region of São Paulo/SP (Rua da Consolação, nº2563 - near the intersection with Avenida Paulista), The study examines how the existing artistic-cultural expressions within the *Penha Pietra's* occupation narrate the residents' histories and reinforce the struggle for housing. The research included a historical survey of the building's occupation process, with a focus on artistic production and educational projects. An on-site investigation was conducted to understand the artistic manifestations taking place there - their origins, the artists involved, their ideas, and the educational projects previously developed and/or under development. In conclusion, it was clear that art transcends formal

¹ Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes/SP (2011) e Pedagoga (2016). Pós Graduada em Psicopedagogia e Arte-Terapia na Faculdade Paulista de Artes/SP (2012) e Mestre em Arte-Educação pela ECA/USP (2025). Atua como professora de Educação Infantil na Rede Municipal de SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/2750043771579476/>; Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2228-3813>.



spaces, acting in cities as a political and social force that rebuilds the urban fabric and initiates dialogue. At the Penha Pietra's occupation, artistic manifestations, while strengthening the struggle for housing, materialize plural identities that go beyond this cause. Contact with the community highlights how art is a vehicle for history, subjectivity, and learning, reflecting on its social role in connecting with the realities of people deprived of rights. Methodologically, the project was guided by decolonial studies (Peloso, 2023; Walsh, 2013), the socio-constructivist tradition in education (Freire, 1987), and its implications in the field of visual arts education (Barbosa, 1998; Dewey, 2010; Coutinho, 2009).

Keywords: artistic experience; urban art; art and occupations.

1.INTRODUÇÃO

O problema que dá origem a essa pesquisa é o déficit de moradia, que constitui um dos principais problemas das grandes metrópoles do mundo. O estudo aborda a busca de solução encontrada por parte da população por meio dos processos de ocupação, em especial de imóveis vazios e abandonados, que não cumprem sua função social. Os moradores destes imóveis enfrentam o risco contínuo de remoção e travam uma luta para fazer valer seus direitos constitucionais de moradia. A pesquisa se desenvolveu no prédio da ocupação Penha Pietra's, cuja localização é na Rua da Consolação, nº2563 - quase esquina com a Avenida Paulista. O objetivo geral desse artigo é fortalecer a luta daqueles que disputam a realização do seu direito à moradia por meio das produções artísticas e dos projetos educacionais desenvolvidos e/ou em desenvolvimento no prédio Penha Pietra's. Para tanto os objetivos específicos da investigação proposta são: 1) levantar o histórico do prédio Penha Pietra's e de sua ocupação no âmbito do processo de ocupação dos prédios; 2) inventariar práticas de manifestações artístico-culturais e de projetos educacionais já realizadas no prédio Penha Pietra's estabelecendo relações entre as diversas linguagens artísticas trabalhadas.

O movimento por moradia em São Paulo já há algumas décadas vem iluminando a importância e a necessidade do cumprimento da função social da propriedade, princípio previsto na constituição brasileira. Uma das ações desse movimento tem sido a ocupação de prédios vazios e abandonados, principalmente nas áreas centrais da cidade, locais bem servidos de infraestrutura e serviços



públicos. A existência desses prédios sem uso nessas áreas é entendida como não atendimento de sua função social, em um contexto em que existe um número significativo de famílias sem ter onde morar ou morando em locais com sérias carências das facilidades e serviços urbanos.

Embora haja uma concordância - quase tácita - sobre a importância da arte no desenvolvimento cultural das sociedades e, por conseguinte, na educação, ela é geralmente considerada como algo alheio às efetivas necessidades práticas da vida social. Marcada pela subjetividade, as artes estariam aquém das árduas demandas objetivas da sobrevivência humana, bem como da necessária racionalidade do progresso técnico e científico, que as ciências propiciam. Diante disso, a arte é normalmente relacionada ao ócio, ao lazer, ao deleite, ao supérfluo, ao requinte, em suma, tudo que está para além, melhor dizendo, para depois do “dever cumprido”. Nessa perspectiva, a arte cumpriria apenas o papel ideológico, no estrito sentido superestrutural do marxismo, de legitimar o *status quo*, apaziguando seus conflitos. A investigação da presente pesquisa mostra a necessidade de conhecer melhor a expressividade poética e artística de uma população muitas vezes discriminada socialmente, uma forma de ouvir, (re)contar, (re)escrever e (re)desenhar estas vozes silenciadas, possibilitando interpretar estas histórias por um viés decolonial e, com isso, também alavancar processos políticos de lutas por afirmação de direitos fundamentais.

Estas histórias, contadas por um viés decolonial, vão na mesma linha defendida por Peloso (2023): têm como objetivo questionar e transformar o padrão cultural eurocêntrico imposto aos países do sul global, como a América Latina, África e Ásia, devido a invasões, conquistas e colonizações. A sociedade é compreendida a partir de um padrão homogêneo, hierárquico e colonial, em que se valida apenas uma cultura dominante. E essa subalternização cultural afeta toda a organização da sociedade. Esse movimento também abrange as artes, a estética e suas diversas formas de expressão. A importância central da arte como expressão estética da re-existência é evidente quando ela traz para a vida narrativas e cosmovisões alternativas, permitindo uma transformação do ser por meio de um diálogo crítico que



transcende diferentes formas de conhecimento e culturas. O tema dessa pesquisa se reporta a aspectos históricos, ligados à memória e a luta de uma população que, por meio da escrita e das artes, não silencia.

A ocupação Penha Pietra's carrega um movimento de luta por moradia e constrói um espaço de arte e cultura de forma popular e nele há ateliê coletivo, sala de cinema, ou seja, o movimento de ocupação territorializa suas lutas pelo direito à cidade, o direito à moradia. A ocupação é recente (2021) e convive com ameaças de reintegração de posse, que têm sido adiadas e suspensas, entre outros motivos, em decorrência das medidas que impediram as desocupações no período de pandemia de COVID 19, resultantes do movimento Despejo Zero (Moretti, 2022).

A análise deste artigo fundamenta-se nas proposições de Ostrower que defende o processo criativo e a possibilidade de redimensionar a realidade com base na imaginação:

[...]criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova (Ostrower, 1987, p. 27-28).

Nesta mesma linha, concorre a abordagem triangular, desenvolvida por Ana Mae Barbosa (1998), pautada nos princípios da contextualização, da apreciação e do fazer. Vivenciar a arte é parte do processo criador e esta dinâmica triangular permitiu aos moradores das ocupações relacionar a criação vinculada a sua realidade. Filiadas às concepções de Dewey (2010) e Paulo Freire (1987) a abordagem de Barbosa ativa o pensamento crítico e multicultural, permitindo um modo decolonial de contar história.

Zalinda Cartaxo (2009) afirma que as artes visuais rompem com determinados condicionamentos históricos e valorizam valores e estéticas inovadores. Questionam-se os espaços institucionalizados de expor a arte, há um desejo de sair do “cubo branco” e a arte contemporânea começa a ser efêmera, plural, sujeita às adversidades da área externa, utilizando-se de diversas linguagens, valorizada em espaços coletivos, onde há a aproximação da realidade com o público. A arte deixa o suporte tradicional e, sendo contemporânea, ganha uma escala urbana. É dentro



dessas características que as produções artísticas nas ocupações de moradia, assim como diversas outras criações produzidas em espaços urbanos, fazem paralelo com a arte contemporânea, uma arte pública que ganha como palco a cidade.

O fundamento conceitual do presente projeto é a integração entre arte e vida, princípio desenvolvido pelas neovanguardas dos anos 1960 e ainda perseguido por várias propostas da arte contemporânea. Esta integração, em outras palavras, estimula a criação artística realizada por pessoas que moram em ocupações e pensam a respeito da liberdade da criação poética. Essas orientações artísticas articuladas estão cada vez mais interligadas nas diferentes modalidades artísticas (dança, música, teatro, literatura, artes visuais), desafiando as classificações tradicionais de arte e até mesmo a definição do que é arte. É preciso retomar a linha de pensamento de Barbosa (1998) que sustenta que no conhecimento das artes é necessário experimentar, decodificar e informar, contextualizando a experiência artística.

2.DESENVOLVIMENTO

2.1. Histórico da ocupação Penha Pietra's

A memória é mesmo o mais generoso dos retratistas
(Ana Maria Machado em “*Um defeito de cor*”)

A história do imóvel contada pelos documentos, pode ser extraída de uma análise da matrícula, de processos judiciais de disputa sobre a posse e dos licenciamentos realizados na Prefeitura de São Paulo. Antes da ocupação, o edifício havia sido locado para um hotel chamado *Paulista Center Hotel*. O prédio, ao ficar abandonado, foi ocupado pelo MMIS (Movimento por Moradia e Inclusão Social) e FLM (Frente de Luta por Moradia) em 2021. Os moradores da ocupação, na sua defesa mostram fotos do abandono e vários registros fotográficos reforçam o estado de má conservação e o empenho dos moradores para colocar o imóvel em uso.

Esses documentos contam uma história estática, de um prédio sem vida, os conflitos registrados em documentos e em termos técnicos. Mas há muito mais sobre a história do prédio e das interações que o espaço permite com o entorno, com personagens que os habitam e que vão, progressivamente, modificando o próprio



espaço. Ocupar vai para além de ocupar apenas o espaço, quando se ocupa fazendo melhorias demonstra-se, até juridicamente, que as pessoas têm condições de cuidar daquele espaço. Essa história será contada por meio das manifestações artísticas, no tópico a seguir.

2.2. Levantamento da produção artística na ocupação Penha Pietra's

Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens.
(Provérbio africano retirado do livro *"Um defeito de cor"* de Ana Maria Machado)

Para adentrar na ocupação, cruza-se uma porta por debaixo de um grafite. Já na parede do lado interno, há um lambe com a imagem de Penha Pietra's:

Figura 1 – Frente da Ocupação Penha Pietra's no 1º sem 2023 -
Artista: Pri Barbosa



Fonte: Acervo da autora /
1º sem 2023

Figura 2 – Frente da Ocupação Penha Pietra's no 2º sem 2024 -
Artista: Pri Barbosa



Fonte: Acervo da autora /
2º sem 2024

Figura 3 – Frente da Ocupação Penha Pietra's



Fonte: Acervo da autora /
1º sem 2024

Nas conversas com as moradoras e coordenadoras é possível fazer um inventário das práticas de manifestações artístico-culturais já realizadas no prédio ocupado Penha Pietra's. Elas relatam vivências e produções artísticas que ressignificam o espaço e a própria realidade; fortalecem e reconhecem a importância da arte na troca de experiências e na luta sociopolítica; permeiam a relação da arte com a política com um paralelo da memória.

Alguns projetos desenvolvidos na ocupação Penha Pietra's foram relatados pelas lideranças Gabriela Feliciano e Giulia Assunção:

1. Roda de Brincar: acontecia toda sexta-feira com estudantes do último ano de psicologia da PUC. Foi a primeira parceria que a ocupação conseguiu fazer.



Acontecia com as crianças moradoras da ocupação e eram desenvolvidas atividades lúdicas e artísticas com um viés da saúde mental e psicológica.

2. Visitas e parcerias em projetos com o Instituto Moreira Salles (IMS) ocupando também espaços de aprendizado, compartilhamento e formação política, compreendendo a potência da fruição cultural e a história do nosso país. O IMS fez uma carta relatando a parceria e escreveu que a ocupação vem cumprindo sua função social com a vizinhança, o que foi de suma importância, pois serviu de prova para o juiz em uma das ações de remoção da ocupação.

3. Ciclo de debates / Arte terapia: aconteciam às quartas-feiras trazendo pensadoras que estudam a opressão às mulheres e as raízes do feminismo, e que, de forma coletiva, pensavam caminhos de conscientização e debatiam de maneira emancipatória.

4. Oficinas de leitura: quinzenalmente aos sábados conduzidas pela moradora e pedagoga Jorgia Nogueira. A atividade era voltada para as crianças e adolescentes moradores da ocupação e promovia o incentivo à leitura, o aprendizado de novos saberes e a socialização por meio de debates.

5. Oficinas de leitura: mensalmente aos sábados para crianças de 3 a 13 anos, conduzidas por Gabriela e Julia Moretti, realizadas em duas etapas: a) leitura de livros infantojuvenis que foram pré-selecionados pelas mediadoras. Como era feita uma criação artística após a leitura coletiva, para selecionar os livros, foram analisadas as narrativas das histórias e foram escolhidos, para cada oficina, pares de livros em que as narrativas tinham uma similaridade no tema. Então, entre os dois livros sugeridos, as crianças podiam eleger um para a leitura coletiva, o que visava desenvolver a capacidade de participação e de posicionamento no processo de deliberação coletiva. b) leitura de uma narrativa ficcional criada por Gabriela Moretti que conta a história da ocupação Penha Pietra's e após leitura, foram realizadas oficinas de criação artística.

6. Formação com imigrantes: realizado pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos e pelo Movimento de Moradia e Inclusão Social (MMIS), uma equipe de educadores orientava quanto aos direitos dos imigrantes e como



acessá-los. A maioria dos imigrantes moradores de ocupação relataram dificuldades para realizar trabalhos formais, regularizar documentos básicos e acessar serviços públicos. Com isso, o MMIS desenvolve um projeto que visa construir espaços de organização coletiva e superação de obstáculos, pois defendem que o trabalho e a moradia devem ser garantidos a todos que vivem no Brasil, independentemente de sua nacionalidade.

7. Espaço de Brincar: criado por um morador da ocupação, Filipi. O artista e morador da ocupação, reestruturou o espaço do mezanino, que estava mal conservado, desenhou e pintou na parede uma casinha com uma janela que abre e fecha e um girassol que gira. Foram colocadas mesas com tamanho apropriado para o uso infantil, puffs, estante com livros infanto juvenis no espaço, jogos e brinquedos variados-este ambiente se transformou e virou um espaço aberto para o livre brincar coletivamente das crianças.

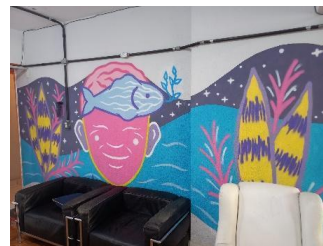
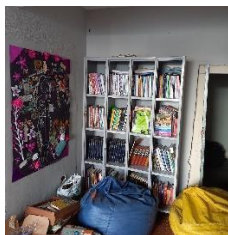
Figura 4 – Espaço de brincar



Fonte: Acervo da autora / 1ºsem 2023

8. Biblioteca: foi pensada primeiramente como uma sala de convivência para os adultos, já que o mezanino era um espaço reservado para as crianças com o espaço de brincar, mas foi se transformando em um espaço que possibilita se sentar para ler.

Figura 5-7– Biblioteca



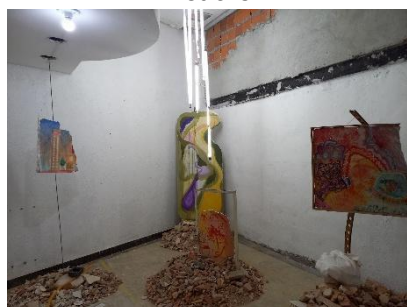
Fonte: Acervo da autora / 1ºsem 2024



9. Festa dois anos de ocupação: foi organizada uma exposição chamada *Memórias do Futuro*, em que houve debates, músicas, brechó, manifestações artísticas e festa. Aproveitou-se o mote da celebração e os espaços que estavam em más condições foram redesenhados. Houve uma parceria entre os movimentos sociais, instituições culturais e diversos outros colaboradores, tais como Frente de Luta por Moradia (FLM), Movimento de Moradia e Inclusão Social (MMIS), Instituto Moreira Salles (IMS), Coletivo Mola (Assessoria Técnica Popular), Movimento UJC (União da Juventude Comunista) e essas parcerias destacam a importância de unir esforços para amplificar vozes marginalizadas. A exposição *Memórias do Futuro* é a demonstração de que as parcerias abrem caminho para diálogos mais amplos sobre justiça social, arte como resistência e a capacidade transformadora da comunidade. Na exposição *Memórias do Futuro* havia uma instalação denominada *Além do Concreto* que foi a expressão viva da resistência e criatividade de vários moradores da ocupação. O coletivo transforma resíduos em arte. As telas eram reaproveitamento de entulho, eram narrativas visuais inspiradas nas vivências individuais representando a diversidade e a força desse movimento. Essas telas não eram apenas visões artísticas, eram espelhos refletindo a resiliência de uma comunidade que constrói o próprio destino moldando memórias do futuro. A instalação mostrou identidade, transcendendo os limites físicos da ocupação e alcançou uma dimensão simbólica. Cada obra contou uma história única, entrelaçada às experiências e aspirações dos moradores. Foi uma celebração de narrativas que desafiam o *status quo*, rejeitando o concreto opressor em favor da expressão artística. A exposição conectou com o passado, presente e futuras possibilidades; foi um convite para reflexão inspirando uma apreciação da arte como agente de mudança e da ocupação de recriação constante.



Figura 8 – Instalação *Além do Concreto*
Aniversário de 2 anos da Ocupação Penha Pietra's



Fonte: Acervo da autora / 1ºsem 2024

Alguns artistas também expõem suas criações na ocupação:

1. Lambes do Zé Vicente: o artista fez um documentário patrocinado pela Anvisa sobre o reisado e apresentou um pouco da história da ocupação em exposição realizada no prédio.

Figura 11 – Lambe do Zé Vicente



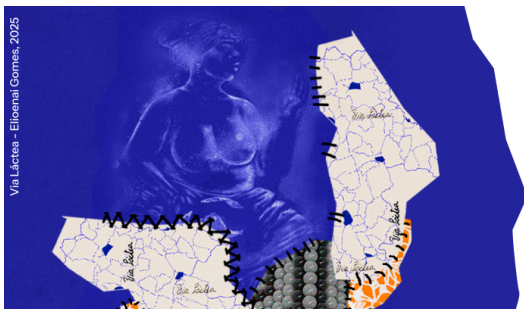
Fonte: Acervo da autora / 2ºsem 2023

Figura 12 – Lambe do Zé Vicente



Fonte: Acervo da autora / 2ºsem 2023

2. Grafite na lateral do prédio da ocupação: produzido no segundo semestre de 2024 que representa seu apoio à Palestina na atual guerra de disputa de território entre Palestina e Israel. Sua elaboração contou com o auxílio da liderança Gabriela Feliciano e durante sua finalização na Jornada do Muralismo pela Palestina, promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o artista Kleber Pagu foi atacado por sionistas. A luta seguiu para além do mural, quando em agosto de 2024 foi feita uma manifestação que denunciava o atentado à



vida do artista Pagu e também repúdio a ameaças e perseguições a qualquer manifestação de solidariedade com o povo palestino.

Figura 13-14 – Grafites nas laterais da ocupação Penha Pietra’s elaborados pelo artista Kleber Pagu



Fonte: Acervo da autora / 2ºsem 2024

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível destacar que em todos os lugares é possível haver aprendizagem, é possível haver encontros, trocas e compartilhamento de conhecimento. Esse processo se dá também fora da instituição formal de ensino - a arte se desloca dos espaços tradicionais para rua, para espaços abertos. A cidade emerge no contexto artístico e é importante perceber o tempo de produção e o tempo em que é inserida no espaço urbano. A arte ajuda a refazer o tecido social, dá condições para que se inicie o diálogo com o social. Importante entender que tipo de discurso e estética, qual a narrativa será produzida. A arte não necessariamente produz mais um objeto estético, mas é efêmera e torna-se política.

Ao inventariar as manifestações artísticas da ocupação Penha Pietra’s é possível notar o cuidado e carinho que as pessoas têm com aquele espaço, a capacidade de criar, recriar e reler o ambiente que habitam. Nas conversas que tive com as moradoras da ocupação foi possível tomar contato com a riqueza e pluralidade da produção artística que foi ali desenvolvida.

Foi possível notar que as manifestações artístico-culturais já existentes na ocupação Penha Pietra’s relatam a história de seus moradores e fortalecem a luta de moradia. Porém essas manifestações não constituem a única pauta de trabalho e de



luta na qual se engajam as lideranças do movimento. As oficinas, no geral, mostraram como as expressões artísticas dos moradores da ocupação materializam suas identidades imersas em uma luta por moradia, adentrando em uma subjetividade que, apesar de atravessada por essa luta, não os define.

A abertura de portas da ocupação Penha Pietra's, as conversas e as trocas foram formas de potencializar a reflexão sobre o papel social do processo de ensino e aprendizagem da arte, sobre a percepção das singularidades de cada lugar e tempo no contexto de contato com um público privado de muitos de seus direitos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte, C/ Arte, 1998.

_____; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CARTAXO, Zalinda. *Arte como suporte da cena*. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. Rio de Janeiro: O Percevejo Online, v. 1, n. 1, 1 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/381>>. Acesso em: 30 set 2017.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORETTI, Julia. *Gestão de Risco e Propriedade: um estudo de caso sobre qualificação da segurança em ocupações do centro de São Paulo*. Tese de doutorado, Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2022.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes. 1987.

PELOSO, F. C.; MOTA Neto, J. C. da; MACHADO, Érico R. *Arte e estética decolonial: um diálogo a partir da colonialidade do ver*. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e12049, 2023. DOI: <10.22481/praxisedu.v19i50.12049>. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/12049>>. Acesso em: 26 mar. 2024.